

# Oposição Operária

1

São Paulo (SP) / Salvador(Ba) / Vitória da Conquista(Ba) - BRASIL  
FEVEREIRO/2005

## O QUE FAZER?

### Uma proposta de luta para um sistema em crise

I

#### Cárater e papel da forma Oposição Operária

Entre as diversas formas de luta hoje existentes situa-se a *Oposição Operária*. A forma *oposição*, que se opõe às formas controladas organizativa, política e ideologicamente pelo Estado e o capital, tem um outro papel. O caráter diferenciado da oposição operária está colocado já no fato de que a sua constituição social dá-se por adesão incondicionada e ela se propõe, com seus instrumentos (jornal, boletins, cursos, seminários, promoção de eventos culturais), a interagir com as demais formas autônomas de luta das massas populares. Trata-se, portanto, de uma forma autônoma, com corpo próprio, regras próprias, estilo próprio, autocomposição eletiva e autofinanciamento na qual prevalece o princípio operário universal da mobilidade dos cargos e a negação de todo e qualquer vício burocrático. O que acontece de novo na Oposição Operária é que cada luta específica é também uma luta geral e deve buscar a solidariedade do conjunto do povo oprimido.

Formas como esta são aceitas porque respondem às necessidades colocadas pela luta quando as demais formas tornaram-se vazias e nocivas. A OPOP é norteada por uma CARTA DE PRINCÍPIOS, na verdade um manifesto na sua essência, que contém o seu corpo de princípios de existência e de funcionamento.

II

#### A forma Oposição e a forma Conselho

São muitos os descontentes com os partidos, sindicatos e as centrais sindicais aí existentes, e o número deles se multiplica dia a dia. São muitos os trabalhadores que, desfilados dos sindicatos, recorrem à luta direta. São grandes as parcelas da população que, desesperadas, encampam "lutas" e propostas espontaneamente. Todos esses trabalhadores devem ser atraídos para as novas formas de luta — a Oposição incluída —, formas estas que, integrando-se, no futuro, à forma *conselho*, devem semear, pela luta, os germes de um Estado verdadeiramente socialista. A forma OPOP se coloca, pois, junto às demais formas autônomas criadas pelos trabalhadores, à forma operária mais universal e fundamental, a *forma-conselho* (do tipo *soviet*). A forma-conselho é a base da luta contra o capital e é também a base do Estado socialista ou Estado-*conselho*. Por isso a forma-conselho deve ser a base do *Pré-Estado*.

Por que *pré-Estado*? O que é *pré-Estado*? O *pré-Estado* é algo que existiu e tende a existir, mesmo que apenas sob a forma de esboço, nos agudos momentos de tensão política. Ele foi e continua sendo criado pelas massas trabalhadoras em movimento. Constitui-se de um conjunto de órgãos de luta, com base na forma *conselho*, que, antes da tomada do poder pelos trabalhadores é ainda um instrumento de luta — portanto, também, escola para a classe

futuramente comandante da sociedade —, mas que, após a tomada do poder, torna-se o arcabouço do próprio Estado Socialista, ou Estado dos Conselhos. O melhor exemplo disso foi o *soviet*. Antes de Outubro de 1917, o *soviet* era a principal forma de luta, entre muitas outras, do proletariado e do campesinato russo. Depois da Revolução de Outubro, o sistema de conselhos do tipo *soviet* deveria ter assumido a estrutura política e organizativa do Estado socialista na URSS.<sup>1</sup>

O sistema de conselhos não existiu só na Rússia. Em maior ou em menor medida ele existiu ou foi esboçado em outras regiões e países — como em Turim, na Itália, além da Hungria, Alemanha, Espanha (durante a Guerra Civil), etc. — e, mais recentemente, em realidades atuais e próximas, como na última crise no Equador e Argentina, ainda que de forma sumamente empírica e com conotações de frente ampla. O segredo da reiteração da forma conselho pelas massas em ocasiões de aguda mobilização para a luta consiste em que segue sendo a mais universal e autônoma forma de exercício de democracia direta por parte dos trabalhadores. Com efeito, quando as massas despertam e recorrem à luta direta elas percebem, com maior transparência, que as formas tradicionais e institucionalizadas de organização não só não servem mais às exigências de suas aspirações como se colocam como travas à objetivação dessas aspirações — e aí,

em estágios mais avançados de luta, elas procuram meios de organização e de luta direta que permitam um espaço autônomo no contraponto das formas que as mantêm presas às cadeias da opressão de classe.

<sup>1</sup> Este não é um lugar adequado para a discussão de um tema tão complexo como a derrota do socialismo na URSS. Esta discussão, da maior importância e atualidade, sempre repostada e na verdade não concluída, poderemos retomá-la em outra oportunidade.

### III

#### Constituição do Pré-Estado

O pré-Estado é formado, grosso modo, por um sistema de órgãos articuláveis entre si. De baixo para cima, o primeiro e mais simples desses órgãos é o *círculo*, forma simples na qual os trabalhadores se reúnem para os primeiros aprendizados teóricos, políticos e organizativos. Na antiga Rússia, esses círculos chegavam a reunir dezenas de trabalhadores. Em certos casos o círculo deve editar, para circulação em todo o seu local (de trabalho, estudo ou moradia) um *boletim*. Em geral, o raio de ação da propaganda de um órgão de imprensa é maior do que o raio de ação da intervenção física de um círculo mas, em qualquer caso, os dois raios de ação se fortalecem mutuamente. É possível a existência de círculos-mistos quando um círculo reúne pessoas de várias unidades e categorias (por exemplo, trabalhadores, professores, desempregados, vendedores ambulantes, estudantes, etc.).

De um conjunto de círculos de uma fábrica, uma empresa agrícola ou agropecuária, uma mina, uma empresa de transporte ou de produção de serviços, um bairro ou uma unidade escolar saem, por delegação, os militantes (decerto os mais experientes e habilitados) que irão formar o *núcleo* de uma *comissão*. Este núcleo, uma vez ampliado em cada manifestação pública, tornar-se-á a própria *comissão* — de fábrica, etc. A comissão — ou *comitê* — terá a seu encargo promover publicações (boletins, conclamas, etc.) e discussões mais amplas e mais profundas e definir medidas de intervenção de maior alcance, como uma greve numa unidade de produção ou de ensino, uma manifestação ou passeata no caso de um bairro, e assim por diante.

### IV

#### A crise da forma sindicato e da forma central sindical

A forma-conselho ganha mais condições de existência na medida em que as tradicionais formas, sobretudo a forma-sindicato (e central sindical), perdem legitimidade — fato que já está acontecendo em muitas regiões e países.

Nem sempre a casta de dirigentes sindicais constituiu-se em *burguesia sindical*. Até algum tempo atrás, ela era apenas uma *burocracia sindical*. A mudança não é de caráter semântico, mas *social*, e é esta mudança, que é definitiva, que traz uma qualidade

Das diversas comissões de fábrica, empresas, locais de moradia, de estudo, etc., deverão sair, também por delegação, militantes que irão formar *conselhos* — de zonas industriais, agrícolas ou agropecuárias, urbanos ou rurais, universitários, etc. Neste nível, tanto o conteúdo das discussões como a envergadura da imprensa (jornais e boletins, etc.) das intervenções deve ser muito mais elevado. Nos conselhos a abordagem transborda das instâncias específicas para questões que dizem respeito ao Estado, à economia, à cultura, etc., a partir dos interesses de seus componentes sociais.

A partir daí serão constituídos, pelo mesmo método, conselhos *por regiões do país* e, finalmente, um *conselho nacional*. Todas as instâncias de linha inferior devem ampliar-se para crescerem suas forças e, ao mesmo tempo, estarem sempre aptas a manter a reposição das instâncias superiores. Pois bem, é a este conjunto todo, aqui apresentado na forma de uma sistematização das diversas formas históricas como os conselhos, os círculos, as comissões e os comitês que existiram e tendem a reproduzir-se, que chamamos de *pré-Estado*.

Assim definido, o pré-Estado contém formas de luta — e formas embrionárias do *poder socialista* — que podem e devem articular-se com as formas mais variadas de luta que já são ou que poderão vir a ser criadas pelos trabalhadores e o povo em geral. O que distingue a forma *conselho* é que ele possui, como peça central sua, a essência da essência, ou seja, o operariado e seus círculos, comissões e conselhos *operários* e de *trabalhadores*.

nova à referida casta. Como *burocracia*, ela estava apenas parcialmente comprometida com o Estado e a classe capitalista, ao passo que, como *burguesia sindical*, a casta de dirigentes passa a estar completamente comprometida com o Estado e a *burguesia* como um todo, porque agora a casta é, também, ela própria, *burguesia*, ou seja, parte da classe diretamente interessada na apropriação de parcela da mais-valia produzida pela classe dos trabalhadores, que vinha sendo "clientela" sua. A *burguesia sindical* não pode lutar contra as premissas

de sua própria reprodução social como segmento de classe, portanto, como classe. É este, em definitivo, o traço novo que, tendo aparecido nestas duas últimas décadas, virou de vez os sindicatos, tornando-os instituições opostas aos interesses dos trabalhadores e favoráveis aos seus próprios interesses, interesses de burguesia e de toda a burguesia.

Como os dirigentes das centrais sindicais são também, por extensão, os mesmos dirigentes ou ex-dirigentes dos grandes sindicatos-empresas e, ainda mais, como também são, as centrais sindicais, mantidas pelos mesmos meios pelos quais são mantidos os sindicatos, segue que também os dirigentes das centrais sindicais constituem-se como componentes da mesma burguesia sindical. Isso apenas facilita o movimento de ida e vinda de um dirigente de sindicato ou de central para o Parlamento ou para o Executivo e, embora raramente, no sentido inverso. Trata-se de um trânsito normal entre instituições burguesas. E, quanto mais se desfiliam trabalhadores dos sindicatos e escasseiam os meios tradicionais de manutenção financeira de tais instituições da ordem burguesa, mais elas se tornam instituições que recorrem aos normais meios capitalistas de reprodução, de si, como instituições, e de sua casta, como burocracia ou burguesia sindical.

## V

### A crise sistêmica do capital

#### a) A crise geral

A crise de 1973-75 pôs por terra todos os fatores antes favoráveis à expansão mundializada do capital. O ouro que fazia luzir os dias do capital seria substituído por um metal pesado e sem luz, o chumbo, que trazia maus presságios. A partir desta crise, o mundo do capital experimentará um longo ciclo de tendência geral de queda em todos os seus indicadores econômicos e sociais: PIB mundial e de nações (da periferia e do centro), taxas de investimento e de lucro, níveis de utilização da capacidade produtiva instalada, produtividade, salários e rendas, emprego e assim por diante.

Como a crise se propaga por todo o sistema capitalista mundial, ela se fez sistêmica e universal. Por outro lado, a crise, incorporando como norma de organização da produção e do trabalho a *reestruturação produtiva* e seu braço político, o *neoliberalismo*, sucateou milhões de empregos, de economias, de regiões, de nações e até de um continente inteiro (a África) e fez com que o potencial produtivo construído permanecesse sem poder ser mobilizado para a produção: a superprodução, agora também potencializada por um brutal desemprego e por uma nunca vista concentração de renda,

Resumindo: como empresas capitalistas, os grandes sindicatos, que constituem as bases das centrais sindicais e lideram os demais sindicatos do país — mesmo aqueles que ainda não se tornaram empresas (e que por isso mesmo passam por dificuldades crescentes, devido à desfiliação) —, aplicavam e seguem aplicando *capital* nos ramos da indústria, da produção de serviços e no sistema financeiro. Isso quer dizer que apanham, na sociedade, uma parcela da mais-valia produzida pelos trabalhadores que dizem representar, e fazem esta coleta de forma direta e indireta. Diretamente, quando contratam força de trabalho para trabalhar nas suas empresas — gráficas, restaurantes, hotéis, clubes, etc.—ou quando se tornam acionistas de outras empresas. Indiretamente, quando recolhem esta mais-valia pela via das aplicações financeiras no mercado de capitais ou quando se encastelam nos fundos de pensão, de onde retiram seus proventos, e que constituem uma das molas mestras da acumulação financeira.

De modo que a luta dos trabalhadores contra a cúpula sindical é a mesma luta dos trabalhadores contra toda a burguesia, da mesma forma que a luta dos trabalhadores contra as formas e relações capitalistas de produção inclui mais esta forma capitalista, o sindicato enquanto instituição.

ultrapassou sua própria escala de mercado. Uma vez esgotadas as possibilidades de novos ciclos duradouros da acumulação produtiva, o capital voltou-se para a esfera da acumulação financeira.

Na esteira de uma acumulação produtiva nas mãos de um pequeno grupo de empresas imperialistas e de uma acumulação totalmente fictícia, esses segmentos do capital imperialista criaram novos produtos, quase todos "imateriais", à venda: pensões, aposentadorias, seguros e outros mais; criaram ou mobilizaram inúmeras novas ou não tão novas instituições financeiras capazes de dar espaço ao giro frenético da modalidade de acumulação especulativa que vicejava; quebraram todas as normas e regras até então existentes e de controle dessa modalidade de capital depredador. No rastro da crise, passaram a especular com ações, cada vez mais valorizadas artificialmente, e com títulos, lançados com sofreguidão por bancos centrais de países que se endividavam às expensas da própria crise de superprodução, num vórtice de verdadeiro furacão que só fez e só faz crescer essas dívidas sem qualquer horizonte de resolução. Entupiram o mercado mundial com *eurodólares*, pouco mais tarde, também, com *petrodólares*, uns como meio de pagamento da dívida crescente da economia norteamericana, outros resultantes da alta dos preços do petróleo, dólares que, não podendo mais entrar no processo de produção e reprodução do capital

industrial, foram maciçamente encaminhados para a brutal ciranda do capital fictício. Numa palavra, fizeram todos os demais segmentos de capitais se colocarem de joelhos diante de si e obrigaram ao mundo todo a girar em torno desta provável derradeira orgia do capital. E até criaram um nome para toda esta euforia esquizofrênica: *globalização*.

### **b) As duas ordens de desregulamentação**

A partir daí, duas ordens de *desregulamentação* passaram a ser postas em prática: a produtiva e a financeira. A primeira, bancada pelo capital produtivo, com vistas a extrair, em grau máximo, a mais-valia, apoiada inclusive na extensão da jornada de trabalho e na intensificação do processo de trabalho. E isto se deu numa escala jamais ousada pelo próprio capital, contra todas as leis, normas e regras que, produtos das lutas dos trabalhadores, ainda tentavam garantir um mínimo de condições de existência e trabalho, como direito a férias, carteira assinada e outras mais. A isso os apologistas do grande capital chamam de *flexibilização do trabalho*, que, segundo dizem, tem o desiderato de facilitar investimentos que hão de recuperar "emprego e renda" para milhões de desempregados no mundo todo. A segunda modalidade de desregulamentação, já descrita mais atrás, bancada pelo capital financeiro hoje de longe hegemônico no bloco do capital mundial, veio facilitar a vida do capital parasitário.

### **c) Depressão e crack à vista**

E aí se criou um circuito curioso: a crise de superprodução em marcha alimenta a acumulação financeira e esta, numa via de retorno, alimenta a crise de superprodução. E as duas, de mãos dadas, reforçando-se mutuamente, caminham para um beco sem saída: uma depressão e um rosário de *cracks* financeiros, todos na mais perfeita ordem do dia, dos mais fortes aos mais fracos países capitalistas.

Assim, por exemplo, as ações que são negociadas na Bolsa ou diretamente pelos bancos e pelas demais instituições financeiras deveriam deter o valor nelas indicado (valor de face). Da mesma forma, os títulos da dívida pública e os títulos da dívida privada, que os governos afiançam ou põem à venda nas diversas bolsas e nos diversos mercados financeiros nacionais e internacionais, também devem ter como base, para a remuneração desses papéis (durante o resgate, quando se dá a devolução do principal e dos juros que remuneram os empréstimos), valores reais garantidos pelas dotações orçamentárias e cambiais, pois, como convém lembrar, essas dotações orçamentárias governamentais têm origem na carga tributária que representa valor transferido do produtor assalariado e do consumidor aos cofres dos tesouros nacionais.

Se não fosse assim, não faria sentido a política de ajuste fiscal, de contenção de gastos, de manutenção de elevados níveis dos chamados *superávits primários* e extremo arrocho, imposta pelo FMI aos governos de países endividados.

O quadro do imperialismo neste início de milênio é, então, este: a acumulação produtiva encontra-se em encolhimento nas quatro últimas décadas; a acumulação financeira, ao contrário, encontra-se numa expansão tão acelerada como irracional. A autonomização da esfera financeira tende, num limite lógico, para um absoluto que não pode se permitir alcançar. Temos aí um dos maiores diabos que se põem a tecer os fios de uma crise comparada à qualquer crise anterior. Mesmo a depressão dos anos 30, parece pilhéria.

A análise e a perspectiva constituem um todo claro porque respaldado pela evidência dos fatos e pela lógica que neles está implícita. O edifício da acumulação produtiva já começou a rachar desde a crise dos anos 1973-75 e já faz mais de 30 anos que as fendas não fazem nada além de estalar. Já a outra torre (a torre gêmea), a da acumulação financeira, arredia a uma ligação umbilical que perigosamente recua e que só pode recuar, continua seu movimento, mas, como pode ser perfeitamente percebido, sob um cenário de erosão mais do que certo. As economias centrais, a dos EUA antes e acima de todas, podem não estar, agora, no centro do cenário temporal do grande processo que se avizinha, mas nem por isso deixam de estar no centro do processo econômico, político e social que de igual maneira se avizinha. Os mecanismos de propagação da crise da esfera da produção já estão em curso desde muito tempo, enquanto que os da acumulação financeira começaram a explicitar-se nos *cracks* do México, dos "Tigres", da Argentina e do quase-*crack* do Brasil. Tais indícios tendem inexoravelmente a multiplicar-se num crescendo que cercará, com aperto cada vez maior, as economias centrais, inclusive o maior bastião delas, a dos EUA.

Dessa crise tendencial também faz parte a economia dos EUA, pois, como aconteceu outras vezes, circunstanciais retomadas de pouco fôlego, como a de agora, não têm força capaz de reverter o processo de crise em marcha, que ainda não atingiu o estágio de uma *depressão*, entendida como o ápice agudo de uma crise de superprodução. De outro lado, a acumulação financeira também se encontra em marcha e, como também já foi salientado mais atrás, já exibiu fortes sinais de fendas em alguns países do mundo. Mas também ainda não atingiu um conjunto de *cracks* sintonizados, como promete ser numa crise sistêmica e mundial, que envolve grandes nações do mundo capitalista. Segue, do exposto, que as duas

culminâncias, a *depressão* e o *crack*, já estão em processo de gestação assaz adiantado.

#### **d) Situações e crises revolucionárias também à vista**

Entre as certezas, esta salta à evidência: o sistema capitalista se encontra num processo de crise que ganha corpo e marcha para um estágio no qual as suas mais fortes fortalezas e seus mais bem guarnecidos *bunkers* deverão ser atingidos por uma *depressão* e um *crack*, ambos em proporções antes nunca vistas.

Neste caminho, todo pontilhado de depressões e *cracks* nacionais, regionais, continentais, etc., muitas *situações e crises revolucionárias* — que, aliás, já começaram a acontecer — ocorrerão necessariamente, não só porque as condições e contradições atrás descritas colocarão na ordem do dia como também porque os povos trabalhadores deverão colocar-se à altura desses acontecimentos.

#### **e) Um projeto para a luta anti-capitalista**

Se é certo que as iniciativas e lutas das massas

## **VI** **A falácia da social-democracia**

Tomando por base a perspectiva atrás delineada e a radicalidade necessária das lutas, diretas e indiretas, encetadas pelos trabalhadores (empregados ou não) no plano mundial, a questão passa a ser a seguinte: *quais as frentes de luta e as formas de organização que se colocam ou que podem se colocar em compasso de unidade com esta perspectiva? E, no contraponto, quais as que se tornarão apêndices da ação contra-revolucionária do Estado capitalista?*

A social-democracia, que, como corpo e concepção política de Estado, nasceu no pós-guerra e se fez prática de Estado na Alemanha e, a partir daí,

populares não acontecem sem que estejam dadas as condições objetivas para que elas possam eclodir, é certo também que nenhum problema social — e muito menos o socialismo — poderá ser resolvido ou alcançado pela ação espontânea ou automática da maturação do fator objetivo e sem que haja a interferência decidida, decisiva, deliberada, organizada, planejada e de posse de um *projeto* e de uma *direção de vanguarda*, do proletariado. Se é assim — e a experiência das lutas dos proletários de todos os países do mundo não ensinam outra coisa —, lideranças de vanguarda não podem nem desprezar a teoria e nem muito menos deixar de intervir nos fatos, delineando caminhos, através dos quais todos os momentos de situações e crises revolucionárias devem ser potencializados e racionalizados segundo desenhos estratégicos e táticos direcionados para a revolução e a conseqüente construção socialistas. Porque, de colapso, o sistema capitalista, mesmo roto, não cai sozinho. Porque, se em cada momento, não for oferecida às massas a perspectiva de uma luta por elas desejada, a burguesia e seus assistentes darão uma outra direção, imporão um outro *projeto*.

nos demais países da Europa e da América, inaugurou uma perigosa ilusão que se tornou moda e que consiste em cooptar lideranças das *aristocracias operárias*,

***...as centrais sindicais e os sindicatos, definitivamente atrelados, política, ideológica, orgânica e administrativamente aos Estados, passaram a ser órgãos fornecedores de quadros dirigentes do Estado e, por conseguinte, órgãos fornecedores de novos instrumentos de colaboração de classe e de repressão qualificada do conjunto dos trabalhadores desses países.***

recrutadas nos grandes sindicatos e nas centrais sindicais, para que essas lideranças, tornando-se castas em parceria com a burguesia financeira, venham contribuir, ao lado dos velhos políticos dessa mesma burguesia, com a administração da crise e do próprio Estado. Tudo começou com a ascensão de um ex-dirigente sindicalista que se tornou primeiro-ministro da

poderosa Alemanha nos idos da década de 1950. Esse ex-operário, depois chefe de Estado da poderosa Alemanha capitalista já recuperada das mazelas da Segunda Guerra Mundial, chamava-se Willy Brandt. Como a ousada investida da Alemanha deu certo,

outras nações, seguindo o exemplo vitorioso daquele país, também montaram governos social-democratas, com ex-sindicalistas e/ou ex-militantes de “esquerda” à testa dos Estados capitalistas. O exemplo foi tão eficaz e proveitoso que este “modelo” foi reproduzido em países como a Suécia, Inglaterra, França, Turquia e muitos outros e, algumas décadas depois, também na Espanha, na Polônia (com o ex-sindicalista Lech Wallessa, ex-dirigente do poderoso sindicato Solidariedade) e, finalmente, no Brasil com a CUT, o PT e todos os grupamentos que atuam ou se propõem atuar pendurados nos cargos dos diversos escalões do Estado.

Foi exatamente com o emprego e a fiança política das castas de ex-dirigentes sindicalistas e de ex-militantes de “esquerda”, que ainda contavam com um amplo respaldo das massas de trabalhadores organizados em poderosos sindicatos e centrais sindicais, que esses países imperialistas puderam retomar um vigoroso processo de acumulação entre o pós-Guerra e a crise iniciada nos anos 70.

A iniciativa da burguesia alemã e dos demais países imperialistas foi tão acertada que, a partir de então, as centrais sindicais e os sindicatos, definitivamente atrelados, política, ideológica, orgânica

e administrativamente aos Estados, passaram a ser órgãos fornecedores de quadros dirigentes do Estado e, por conseguinte, órgãos fornecedores de novos instrumentos de colaboração de classe e de repressão qualificada do conjunto dos trabalhadores desses países. Nada como um ex-dirigente sindicalista ou um ex-dirigente de “esquerda” de peso e de forte influência no movimento sindical para engabelar as massas e retardar a construção de sua identidade de classe — de *classe para si*. É de gente deste tipo que é formado o assim chamado “Governo Lula”.

A social-democracia, como política geral de Estado, morreu evidentemente depois da crise dos anos 70, mas deixou pelo menos esta herança para o *neoliberalismo* que o sucedeu: a cooptação de destacados líderes da aristocracia operária para comporem o Estado imperialista nas instâncias do próprio Executivo, do Legislativo e das empresas estatais (enquanto não são privatizadas). A partir daí, o sindicalismo passou a ser fonte inesgotável de uma crescente casta de mercenários, com ida sem retorno para o Estado na condição de diretores de empresas estatais, administradores de fundos de pensão — uma das molas mais propulsoras da acumulação financeira —, deputados, senadores, ministros, primeiros-ministros e, até, presidentes de república.

## VII Voltando à nossa conversa inicial...

### **a) Pertencimento na luta lado a lado com os trabalhadores**

É por todas essas razões de perda temporária de um projeto próprio de luta, que uma certa quantidade de trabalhadores remanescentes ainda vai ao sindicato — e é por este único motivo que a ação de uma esquerda realmente comprometida com a luta deve estar lá, lado a lado com esses trabalhadores, não para ocupar cargos numa corrompida máquina atrelada à exploração capitalista e à contra-revolução, mas pura e simplesmente para ajudar os trabalhadores a verem o que o sindicato e a central significam para os propósitos do capitalismo financeiro atual. Ajudar a ver significa também a perceber o seu oposto: as verdadeiras formas de organização que alguns movimentos de massa começam a vislumbrar, para marchar numa perspectiva de luta com autonomia

e identidade de classe.

De tudo isso se deduz, claramente, o grau de oportunismo de algumas forças de “esquerda”, que, malgrado um discurso feito de disfarces, adotam e defendem a intervenção por dentro das instituições estatais e sindicais como forma de “acumulação de forças”, quando se sabe, pelos exemplos desde as experiências alemãs com Willy Brandt e muitos outros, que a única classe que acumula forças com esta política de cooptação é a classe capitalista. Não se conhece um só caso e exemplo de casta sindical que, depois de assumir cargos no Estado burguês, não tenha recorrido à repressão aberta aos movimentos populares — que é, por definição, um dos poucos papéis relevantes que a burguesia, proprietária das instituições estatais desde que se tornou classe dominante com as grandes revoluções burguesas,

durante os séculos XVI a XIX, permite a seus novos colaboradores, os ex-sindicalistas e ex-quadros de “esquerda”.

### **b) Reiteração da forma-conselho**

A forma *conselho* — quer na modalidade de território (bairro ou região fabril), quer na modalidade fabril (onde começa por *círculos* e *comissões de fábrica*), quer na modalidade diretamente revolucionária (comitês de combate) — apareceu na Comuna de Paris, reapareceu com os *soviets* na Rússia, de novo nas fábricas em Turim na Itália, também na Guerra Civil Espanhola e, entre outras, nas lutas do operariado francês nas jornadas dos anos 1960. Toda vez que as massas trabalhadoras, exigentes e conscientes, põem-se de pé na luta, necessitando avançar com suas próprias pernas, normalmente recorrem a esta

forma de organização, passando por cima das limitações (atrás assinaladas) do sindicato e da central.

É por isso que estas formas reapareceram mais recentemente nas jornadas insurrecionais do Equador e da Bolívia. É por isso também que até mesmo estudantes oriundos das camadas proletárias e sem qualquer experiência político-organizativa prévia, ensaiaram embriões de auto-gestão em vários espaços da cidade de Salvador, acompanhadas do repúdio sistemático de velhas e viciadas lideranças e instituições oportunistas que tentaram apropriar-se daquela luta para aparelhá-las, para dobrar as iniciativas das lideranças nascidas do movimento, para situar um movimento, tão rico de conteúdo e de formas em embrião, por dentro das instituições e, pior que tudo, para tirar evidentes dividendos eleitorais.

Mas os estudantes baianos deixaram uma lição: tentativas embrionárias da forma *conselho*, independentemente do nome e da forma variante que assumam, mas que, de qualquer forma, sejam constituídas de baixo para cima e com busca de identidade própria de classe. Essas formas, ainda que nos seus primeiros ensaios, deverão estar de volta entre os mais diversos movimentos de trabalhadores, inclusive fabris, à medida que o atual sentimento de desconfiança crescente em relação às direções de sindicatos, à forma sindicato e a parlamentares e representantes de partidos da ordem, passar de mero sentimento para necessidade concreta de uma luta avançada e de acordo com o pulso da crise.

Qual a estrutura essencial da forma *conselho*, qual o seu segredo, que faz com que as massas a ela recorram quase universalmente nos momentos de luta mais avançada? Trata-se, de

fato, de uma organização muito simples, que pode ser caracterizada por um punhado muito reduzido de componentes: 1) esta forma pressupõe uma iniciativa autônoma em relação ao Estado e às instituições burguesas, desde as diretas até as que agem, de maneira dissimulada, nos parâmetros impostos pelo Estado; 2) por conseguinte, seus órgãos e escalões dirigentes são escolhidos, eleitos e rotados (em forma de rodízio segundo o ritmo e as necessidades da luta), diretamente pelas bases e provenientes delas; 3) a discussão dos propósitos e caminhos da luta é feita em assembléias dos próprios manifestantes, bem como as retificações que se tornem necessárias. Nestas disposições muito simples, que pressupõem a democracia direta, baseia-se o sucesso da forma *conselho* e a sua recorrente aparição todas as vezes que as massas se põem a caminho.

De mais a mais, a forma *conselho* é, como foi colocado no início de nossa conversa, a única forma de organização *de massa* que contém, na sua essência, os componentes de poder, de delegação, de constituição e de funcionamento do Estado socialista na base da mais ampla participação e da mais ampla democracia que tal Estado pressupõe, inclusive como barreira à reprodução de castas burocráticas que se apoderem do Poder de Estado, agindo em "seu nome" contra e apesar do proletariado. Por isso é que uma ampla rede que deve ligar todas as formas de *círculos*, *comissões* e *conselhos*, nas mais variadas instâncias sociais e territoriais onde as massas se representam, não só constituem a "escola de massa" onde o proletariado, dirigido por uma *vanguarda* que reconheça *como sua*, vai aprender a ser "chefe de (seu próprio) Estado" e todos os caminhos científicos e políticos sem os quais nenhum socialismo pode nascer e florescer. Por isso é que o

*sistema de conselhos* é, antes, um *pré-Estado* e, depois, o próprio Estado socialista.

### **c) As demais formas de luta**

Mas o movimento de massas não é composto só de organizações do tipo *conselho*. Os *conselhos* são as formas de massa mais avançadas, mas é óbvio que as formas de luta das massas populares são muito mais numerosas e variadas: as associações e os clubes, as oposições não institucionalizadas e assim por diante. O que a história das lutas dos trabalhadores mostra é que nos momentos de luta mais decisivos o *sistema de conselhos* sempre galvaniza o conjunto das demais formas de organização de massa — e isso por um motivo muito simples: é nos *conselhos* que os trabalhadores mais avançados se reúnem e se organizam, dando a ele, com prioridade, a sua própria fisionomia de classe. É por isso que nas lutas abertamente anticapitalistas e, portanto, socialistas, passam necessariamente pelo conselho, do qual o maior exemplo é a forma *soviet*.

As lutas que supõem a forma *conselho* e que exigem *autonomia* são contra uma *vanguarda*? Não, a história tem dado evidentes mostras disto. O que as massas repelem é uma "vanguarda" que prioriza o espaço institucional, que utiliza o movimento para atrelá-lo aos interesses do capital e do Estado do capital, que usa o movimento para fortalecer propósitos eleitorais, que não mergulha no próprio movimento de massas para com ele propor caminhos estratégicos e táticos avançados, que não discute como potencializar as formas espontâneas para elevá-las a um patamar (teórico e político) superior, numa palavra, que se limita a aparelhar o movimento para mantê-lo como massa de manobra deseducada e, por isso mesmo, mantendo as lutas dos

trabalhadores num movimento rebaixado que gira em círculos sem jamais darem um salto de qualidade.

Por tudo o que foi visto até aqui, o único sistema de organização de massas proletárias que é capaz de enfrentar o grande desafio anticapitalista e antiimperialista, como negação e alternativa à barbárie

já em andamento e aprofundando a crise sistêmica e estrutural do imperialismo, é o conjunto que combina uma *vanguarda*, um *sistema de conselhos* e uma grande variedade de *formas de organização de massas* que não abra mão de sua autonomia e do seu objetivo socialista.

## VIII

### Voltando à Oposição Operária

Podemos agora concluir a nossa conversa voltando à forma-Oposição Operária. Existem formas de luta — ou ex-formas de luta, como é o caso da forma-sindical — que, não obstante o estágio em que se encontram hoje, são formas *históricas*. O sindicato é uma dessas formas, mas em evidente processo de decadência e que se converte em forma de exercício de controle da luta de classes. Do lado oposto, está a forma-conselho, que, quando surge e ressurge, é sempre colocado como forma autônoma da luta anticapitalista direta.

Mas existem também muitas outras formas que, não sendo propriamente *históricas*, no sentido mais acima dado ao termo, colocam-se como formas intermediárias que cavam e criam as condições necessárias para a aparição das formas superiores, as formas tipo *conselho*. São formas conjunturais, de transição, portanto de grande importância para a luta anticapitalista. A forma-oposição operária é exatamente uma destas formas. E é por isso que sua constituição e seu funcionamento já incorporam elementos e expedientes próprios dos conselhos —

como a democracia direta e a autoconstituição. A duração de sua existência é, como a de todas as formas de transição existentes, uma questão que só a prática social poderá resolver. De todos modos trata-se de uma forma que, ao se definir deliberadamente como oposição *operária*, já deixa registrado o seu caráter *anticapitalista* e a sua condição de ponte entre o estágio atual e o futuro desta mesma luta anticapitalista.

Por último, e por tudo quanto foi visto, a Oposição Operária se coloca numa perspectiva *internacionalista*, vez que o sistema do capital, nomeadamente um sistema em crise, foi universalizado e unificado mundialmente, em suas relações de produção, em seu impulso, na sua crise e feição destrutiva, em suas instituições e em sua cultura, de que resulta que a exploração de classe foi e segue sendo mundializada, determinando a impossibilidade da vitória do proletariado num só país. Segue que o sucesso das lutas anticapitalistas passa pela unificação internacional das forças dos trabalhadores avançados numa plataforma de organização unificada internacionalmente.

**Internet - Acesse a página da Oposição Operária**

<http://sites.uol.com.br/opop>

Jornal Germinal, Carta de Princípios, poesias...

**Sede** - Rua do Alvo, 90, Saúde, Salvador-Ba, CEP:40045-180

**Conta Corrente:** 352.921-5, Ag. 1602-0, Banco 001